

Códigos secretos

A festa decorria normalmente, com toda a gente bem-disposta, a comer, a beber e a fazer brindes. Enfim, aquelas salas pareciam tudo menos sítio indicado para atividades criminosas.

As suspeitas adensaram-se¹ quando viram Zé Vicente ir ao encontro do empregado que servia as bebidas, dizer qualquer coisa e afastar-se. E adensaram-se porque o empregado acenou que sim, fez menção de se dirigir à cozinha, mas a meio do caminho, com um gesto certo de profissional, deu um leve piparote² na gola. A joia caiu no tapete, ele empurrou-a discretamente com a biqueira do sapato para debaixo da mesa dos doces. Ninguém viu senão as gémeas.

«É ladrão, é ladrão», pensaram ambas num sufoco e sem saber o que fazer.

O desfecho daquele episódio acabou por ser rápido e muito diferente do que temiam, porque a senhora coçou o pescoço, deu pela falta da joia e ficou aflita.

— Perdi o meu alfinete de brilhantes! Deve ter caído por aí, por favor ajudem-me a procurar!

Houve várias pessoas que se levantaram de imediato, prontas a revistar a sala... O empregado pousou a garrafa que transportava na mão esquerda, simulou a busca e, como sabia muito bem onde estava a joia, apanhou-a e entregou-a à dona com um sorriso afivelado.

Ela desfez-se em agradecimentos.

— Que lata! — disse Teresa entredentes.

— Temos de o denunciar, não achas?

Atrapalhadas e indecisas, continuaram imóveis, de olhos postos no empregado.

— Reparaste na cicatriz que tem no pulso?

— Não.

— Então repara quando ele voltar da cozinha. Vê-se mal por causa do relógio.

Quando voltou, em vez de bebidas trazia cafés e foi entregar uma chávena a Zé Vicente. O receio de que eles pudessem ser cúmplices e estarem a preparar um roubo ganhou força.

— Olha, Teresa! Escorregou-lhe um papel do bolso!

Teresa precipitou-se a apanhá-lo e desarvoraram³ as duas, porta fora sem planear onde iam.

Só pararam quando se viram sozinhas num recanto que dava acesso à despensa. Desdobraram o papel, de olhar arregalado e respiração ofegante.

— Que é isto, Teresa?

— Parecem códigos.

— E servem para quê?

— Para transmitir mensagens aos cúmplices de maneira que só eles entendam?

— Talvez. Mas, se for para isso, quando o tipo der pela falta do papel vai ficar transtornado.

— Se calhar é melhor devolvermos o papel.

Luísa encaminhou-se para junto do bar onde Zé Vicente se encostava. Fingiu que nem reparava nele, fez pose, a irmã aproveitou e zás, capturou a imagem do rapaz loiro e bonitão de quem infelizmente suspeitava.

— Já está! — informou com um aceno de cabeça. Luísa juntou-se-lhe imediatamente, afastaram-se as duas e largaram o papel onde o suposto bandido não podia deixar de o ver. E viu. Aliás, mal o viu agitou-se, disfarçou a ansiedade, recolheu-o com um gesto rápido e meteu-o outra vez no bolso, tendo o cuidado de o enfiar bem lá para o fundo.

— Pronto. Já não há perigo de confusão ou de tiroteio.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Uma Aventura Voadora*, Alfragide, Caminho, 2020

Depois de leres o texto, liga de 1 a 6 os momentos da narrativa pela ordem de acontecimentos.

1	O Zé Vicente vai ao encontro do empregado.
2	As gémeas saem da festa com um papel onde está um código secreto.
3	O alfinete caiu.
4	A festa estava a decorrer com muita normalidade.
5	O empregado devolve a joia.
6	A dona da joia dá pela sua falta e pede ajuda.